

# O LUGAR DA POESIA DE AGOSTINHO NETO NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA PATRIÓTICA

## Resumo

Uma das finalidades da poesia é provocar o modelo instaurado. Muitas vezes, traz à tona os problemas da sociedade, sugerindo outros olhares sobre determinado fato, fazendo um convite à reapreciação. No contexto da luta pela independência de Angola, Agostinho Neto socorreu-se dela para consciencializar as populações nativas para a aderência à luta de libertação nacional. A poética de Neto é vasta, no entanto, trazemos neste estudo três poemas, aqueles cujas temáticas circunscrevem-se em torno da revolução. A poesia engajada de Agostinho Neto reflete a multiplicação das formas de luta. Deste modo, embora se tratasse de uma poesia escrita em português, vale ressaltar que havia o recurso aos antropónimos e topónimos africanos, que são códigos que anunciam um patriotismo cultural.

Assim, os poemas de Agostinho Neto traziam mensagens que se baseavam na compreensão da realidade circundante, uma realidade do nativo pobre e do colono burguês. Estes textos permitiam, ainda, o reconhecimento do «ser», a formação de identidade. Desta forma, a formação da consciência patriótica é a desconstrução da ideologia dominante, formulação de novas ideias a partir da experiência, que é um processo que ultrapassava a inatividade, substituindo em seu lugar a consciência reflexiva.

A poética de Neto contraria as concepções de construção de uma epopeia colonial. São igualmente testemunhos das desconstruções dos ideais de vanglória colonial, os textos de poesia engajada escrita por outros autores africanos mencionados no texto.

**Palavras-chave: Poesia, independência, consciencialização, patriótica.**

Neto poetics contradicts the conceptions of constructing a colonial epic. The engaged poetry texts written by other African authors classified in the text are also testimonies of the deconstructions of ideas of colonial vainglory. the engaged poetry texts written by other African authors mentioned in the text.

**Keywords: Poetry, independence, awareness, patriotic.**

## INTRODUÇÃO

Nesta abordagem sobre a poesia de Agostinho Neto, torna-se necessário que se faça, em algumas linhas, uma nota biográfica. Assim sendo, António Agostinho Neto foi político, médico e escritor angolano, nasceu no dia dezassete de setembro de 1922, em Icolo e Bengo.

43 Percebeu, desde cedo, a diferença entre os meios rural e urbano. Disparidade explícita na vida dos  
44 habitantes, atendendo a sociedade desigual promovida pela colonização. Entende-se que tal terá  
45 influenciado, de certa forma, a sua escrita.

46 Sendo a poética netiana vasta, circunscrevemos o presente estudo em três poemas – *Adeus a hora da*  
47 *largada, O Içar da Bandeira e Criar*. Privilegiamos estes para o presente artigo por se configurarem  
48 relevantes, na nossa opinião pela forma como a reivindicação é explícita. Desta forma, é também  
49 delimitação que fazemos.

50 Alertamos para o facto de os três poemas partilharem elementos comuns – a luta pela liberdade, a  
51 projeção de uma nova nação. Isto permitiu que o artigo tivesse em abordagem elementos que se  
52 leem como reiterados. Tal se deve a projeção dada aos poemas pelo próprio autor. Entretanto, não  
53 desprimora a existência de especificidades em cada um deles, que merecem uma releitura.

54 A poesia engajada de Agostinho Neto é uma crítica ao modelo de governo colonial. Além dele,  
55 havia outros autores angolanos que faziam textos na mesma perspetiva. Os poetas engajados  
56 traziam nos seus textos os problemas da sociedade do seu tempo, para que a população tivesse  
57 consciência dos mesmos, que os despertasse para o ideal nacionalista. São testemunho dessa  
58 ideologia as reflexões contidas nos poemas de Agostinho Neto sobre racismo, fome, violência, etc.

59 Neste sentido, a consciencialização não ocorreu apenas aquando da luta armada de libertação  
60 nacional, mas num processo anterior, que visava o despertar da consciência de cada nativo e que,  
61 concomitantemente, conhecesse o valor de uma formação académica e ideológica, porque desta  
62 forma estaria em melhores condições para ensinar outros a lutar por mais direitos. Era, pois,  
63 necessário que se multiplicassem as formas de luta. Os meios estilísticos e modernos de luta  
64 permitiram a criação e divulgação da mensagem. Tratava-se de uma luta por um patriotismo  
65 cultural, pese embora feita em língua portuguesa, o que fazia do poeta um sujeito de dois mundos.  
66 No entanto, encaixava outros elementos – desvios ao português padrão, recurso aos antropónimos e  
67 topónimos africanos. Essas referências à tradição africana são, ao mesmo tempo, consolidação e  
68 proteção do património cultural. Tais referências aparecem em poemas como «Kinaxixi» e  
69 «Mussunda amigo».

70 Assim, os poemas de Agostinho traziam mensagens que se baseavam na compreensão da realidade  
71 circundante e no reconhecimento do «ser», a formação da identidade. Desta forma, a formação da  
72 consciência patriótica é a desconstrução da ideologia dominante, formulação de novas ideias a partir  
73 da experiência; um processo que ultrapassava a inatividade, substituindo em seu lugar a consciência  
74 reflexiva.

75 Apesar de o colono tentar aproximar as populações indígenas ao seu modo de vida através da língua  
76 e da escola, Agostinho Neto aproveitou-se disso para contrapor os ideais portugueses de  
77 colonização, de engrandecimento da nação portuguesa.

78 O processo de despertar os nativos é a consciencialização, definida por Lourenço, M. (2014, p. 257)  
79 como “[...] o acesso a consciência de aspectos da experiência excluídos da percepção consciente do  
80 sujeito”. Pode, ainda, ser considerado o processo didático que visava dar ao sujeito a noção de ser  
81 escravo, mas alimentado, utopicamente, que pode alterar o quadro e que pode ser autor do seu  
82 destino sem a subalternidade colonial.

83 Traçamos como objetivos compreender a dimensão patriótica e mobilizacional que Agostinho Neto  
84 teve para despertar a consciência dos nativos sobre a dominação colonial a partir dos seus poemas, e  
85 buscando diálogos com textos de outras obras. Tal é alcançável a partir da leitura dos textos  
86 selecionados que proporcionam o entendimento da dimensão reivindicativa de cada poema em  
87 análise.

88 São selecionados três (3) textos para este artigo, apenas os que apresentam um teor reivindicativo.  
89 Na sua leitura, às vezes, em algumas partes do texto, serão apenas usados alguns versos ou algumas  
90 estrofes, separados por uma barra. Neste caso, os versos ou estrofes em que se encontram as  
91 referências sobre o despertar da consciência patriótica são os objetos de análise.

## 92 93 **1. A QUESTÃO DA HIERARQUIZAÇÃO DAS CULTURAS**

94  
95 A hierarquização cultural evidencia a existência de culturas superiores que outras. Os portugueses  
96 atribuíam aonativo a incompetência, considerando-a como um “dom”. E, para que essa  
97 incompetência se perpetuasse, aplicavam-se mais às políticas que agudizassem o analfabetismo,  
98 vedando o acesso à escola e demais ambientes de literacia. Desta forma, acentuava-se, igualmente, a  
99 exploração económica colonial. Aos nativos eram reservados os trabalhos do campo, domésticos e  
100 outros cujas práticas impediam o desenvolvimento de uma literacia leitora e reflexiva, como bases  
101 que ativassem as outras aprendizagens. “O sistema colonial é encarado como insubstituível e a  
102 cultura local como “naturalmente” inferior. [...]os habitantes da terra, sempre encarados como seres  
103 humanos inferiores ou até em estado de subumanidade” (Pavão, 2003, p. 339).

104 Para inverter o estado de sub-humano impingido ao negro, outros poetas africanos defensores da  
105 negritude rejeitavam tais concepções. Procuravam, desta forma, descrever nos seus poemas o “belo  
106 negro”, exaltando características positivas do homem negro. Veja-se, a título de exemplo, o poema  
107 Manifesto de José Craveirinha:

108 Oh! Meus belos e curtos cabelos crespos

109 E meus olhos negros insurrectos  
110 Grandes luas de pasmo na noite mais bela  
111 (...)  
112 E minhas maravilhosas mãos escuras raízes do cosmos  
113 Oh! E meus dentes brancos de brancos de marfim espoliado  
114 Puros brilhando na minha negra reencarnada face altiva<sup>1</sup>

115 Tendo sido denegada toda a cultura negra, Fanon, (2018) fala sobre a existência de grupos humanos  
116 sem cultura e deculturas hierarquizadas. Estas são concepções dos grupos humanos que se  
117 sobrepõem a outros grupos, considerados subalternos.

118 Desta forma, são concretizações da hierarquização cultural fenómenos como o racismo, e que para  
119 Fanon, (2018, p. 80) “O racismo, vimo-lo, não é mais do que um elemento de um conjunto mais  
120 vasto: aopressão sistematizada de um povo”.

121 Sobre os opressores, Fanon (2018, p. 80) questionava “Como se comporta um povo que oprime?”.  
122 Em resposta à sua pergunta, diz o seguinte:

123 Assiste-se à destruição dos valores culturais, das modalidades de existência. A linguagem, o  
124 vestuário, as técnicas são desvalorizados [as]. [...] Na realidade, as nações que  
125 empreendem uma guerra colonial não se preocupam com o confronto das culturas. A guerra  
126 é um negócio comercial gigantesco etoda a perspectiva deve ter isto em conta. A primeira  
127 necessidade é a escravização, nosentido mais rigoroso, da população autóctone.Para isso, é  
128 preciso destruir os seus sistemas de referência. A expropriação, odespojamento, a razia, o  
129 assassínio objetivo, desdobram-se numa pilhagem dosesquemas culturais ou, pelo menos,  
130 condicionam essa pilhagem. O panorama social édesestruturado, os valores ridicularizados,  
131 esmagados, esvaziados.

132 No processo de colonização os povos autóctones adaptam-se à cultura imposta. O colonizador  
133 usando todos os artifícios, submete a dos nativos. Este processo tem efeitos psicológicos  
134 irreversíveis. “Produz-se no nativo uma distorção na sua personalidade que se reflecte na vida  
135 social, desequilibrando-a” (Kandjimbo, 2000 *apud*Rodrigues, 2013, p. 13).

136 Desta forma, sendo a África vítima dos fenómenos referidos por Fanon, entende-se, a partir daqui, o  
137 contexto da produção dos textos de Agostinho Neto, abordagem que faremos a seguir.

138

## 139 2. CONTEXTO DA PRODUÇÃO DOS TEXTOS ESCOLHIDOS

140

---

<sup>1</sup>Craveirinha, José, *Manifesto*. Disponível em: <https://sites.google.com/site/ciberlusofonia/Lit-Afric-de-Ling-Port/Lit-Mocambicana/Craveirinha#h.yvma6v60e4hy> . Acesso, 26/05/2022).

141 No século XV alguns povos europeus expandiram-se pelo mundo. Esta expansão que primeiro se  
142 fundamentou pela troca de produtos e relações de amizade, mais tarde, em África, viria a sofrer  
143 metamorfoses – o tráfico de escravos, submissão dos povos autóctones. Assim, a região que hoje  
144 compreende Angola foi visada neste processo.

145 Rodrigues(2013, p. 9) refere que

146 Ao longo dos anos e dos séculos, a colonização criou, sob a égide do “trabalho de civilização”, situações de  
147 discriminação racial e assimilação forçada e desencadeou a alienação total dos povos  
148 colonizados. A negação da liberdade, a imposição de uma língua desconhecida, de um  
149 regime político opressor e de outros valores são apenas alguns dos artifícios usados pelos  
150 colonizadores para retirar o que é vital para a sobrevivência de um povo: a sua identidade.  
151 Os povos colonizados foram, aos poucos, assim, destituídos de qualquer referência cultural  
152 própria e condicionados cultural e civilizacionalmente.

153 Como se pode compreender na história de Angola, o processo da conquista da liberdade é anterior a  
154 Agostinho Neto. No entanto, sendo a colonização secular, Agostinho Neto nasce e cresce no mesmo  
155 contexto. Foi daí que a necessidade de liberdade lhe leva aos trilhos da revolução.

156 Assim, a conquista da liberdade não passava pela consciencialização, uma fase que permitia a  
157 compreensão das dificuldades vividas, da perceção da pobreza que circundava as populações.

158 Pode-se assim afirmar que a poesia de Agostinho Neto nasce num contexto de opressão face a  
159 colonização portuguesa, tempo e espaço em que se legitimou o racismo e a apropriação indevida  
160 das terras africanas. Agostinho Neto observa a distorção da identidade de seu povo, que se  
161 concretizou na destruição dos valores culturais. Assim sendo, a contraposição da ordem colonial  
162 estabelecida compreendeu a reivindicação, colocando-se numa posição de sujeito da sua própria  
163 história (Rodrigues, 2013).

164 Laranjeira, p. (1995, p. 92) apresenta mais razões sobre os contextos da poesia de Agostinho Neto  
165 quando caracteriza a sua obra Sagrada Esperança,

166 Nele se encontram os temas da alienação social, cultural e política, da exploração  
167 económica, da repressão policial e política, da miséria e do analfabetismo, da prostituição e  
168 do alcoolismo, do trabalho e da solidariedade, do amor e da esperança, do exílio e da  
169 nostalgia, da revolta, prometeísmo e revolução.

170 A referida obra, comparada a um texto poético épico (com as devidas distâncias temporais e  
171 contextuais a admitir), incita o povo angolano para a conquista da independência (Laranjeira, Pires,  
172 1995). Nesta senda, usando a literatura como arma, Agostinho Neto contesta a ordem estabelecida  
173 há séculos, que glorificava o império colonial, influenciando a tomada de consciência do “ser”

174 negro enquanto humano e proprietário do “palco” em que a injustiça se estabelece, e daí a  
175 necessidade da liberdade.

176 Dão-se desta forma indícios da restituição de identidade através da literatura, nomeadamente a  
177 poesia, a forma privilegiada de Neto.

178 Por outro lado, além da consciencialização dos nativos a abraçar a luta pela independência, os  
179 poemas de Agostinho Neto visavam igualmente o próprio colono, apelando-o a adotar o  
180 humanismo.

181 Os seus poemas por serem escritos nos contextos já referidos, contrariavam pretensões coloniais;  
182 defendiam, valorizavam e exaltavam os povos africanos. É neste sentido que Carter, J. Elizabeth  
183 (2014, p. 347) afirma que “A matéria-prima com que o fundador da República de Angola construiu  
184 o seu universo poético foi a realidade sociopolítica da sua terra natal [...]”.

185

186

### 187 3. ANÁLISE DOS TEXTOS ESCOLHIDOS

188

189 A literatura foi, por excelência, o meio para a difusão dos ideais de liberdade (Lima, 2013). Assim,  
190 havendo várias tipologias de textos literários de *combate*, neste estudo circunscrevemo-nos à poesia.  
191 Assim, entende-se por poesia de *combate* aquela que é de cunho revolucionário, com fins  
192 sociopolíticos. São textos que apontam para a consciencialização e reivindicação. É entendida como  
193 aquela poesia em que se dá lugar às questões ideológico-revolucionárias. Aquela que, na época  
194 colonial, idealizou a liberdade dos povos oprimidos. Ou, ainda, a literatura que, usando uma  
195 linguagem própria, mobilizou os nativos para aderir a luta de libertação contra o colono, trazendo à  
196 tona os males do colonialismo europeu.

197 Além da poesia há outros textos desta literatura de combate ou protesto (contos e romances),  
198 escritos por outros autores angolanos. É o caso das *Aventuras de Ngunga*, uma obra que relata as  
199 várias formas em que foi feita a ação pedagógica para o despertar da consciência patriótica durante  
200 a luta de libertação. Como numa peça teatral em que os espectadores se revêm, “Suas personagens  
201 vão nos apresentando todos os desafios enfrentados pelo movimento para o despertar da consciência  
202 da sociedade de acordo com o seu ideal nacionalista. O conhecimento de tais obstáculos aparece nos  
203 diálogos, conflitos e reflexões dos guerrilheiros fictícios;” (Lima, 2013, p. 1). Assim, a partir da  
204 leitura das obras com esse teor, o nativo tomaria consciência da colonização e daí a necessidade de  
205 adotar técnicas para se libertar. O carácter didático das referidas obras facilitava a sua compreensão.  
206 Essa literatura, “Tendo sido especificamente gerada pela luta ideológica em Angola e de fim  
207 essencialmente revolucionário, a poesia de Agostinho Neto pertence a esta categoria global de  
208 literatura de protesto” (Carter, J. Elizabeth, 2014, p. 347). Essa literatura apresenta o texto de

209 acordo a projeção do seu autor, evitam-se os “mascaramentos”. A poesia engajada feita por Neto  
210 apresenta uma elocução geralmente concreta. No entanto, atualmente, surgem críticas de teóricos  
211 que defendem o seu carácter efémero, porque, tendo como finalidade a modificação de  
212 determinadas condições que inspiraram a sua produção, o mesmo (texto) deixaria de ter valor.  
213 Ainda assim, os textos podem ser vistos sobre várias perspetivas – histórico, literário, político.  
214 (Carter, J. Elizabeth, 2014). Assim sendo, não mais havendo a finalidade política, por exemplo, nos  
215 textos de Agostinho Neto, sobram os aspetos histórico e literário.

216 A seguir, vamos proceder a análise do poema «Adeus à hora largada», de Agostinho Neto. Faremos  
217 uma releitura que nos permitirá compreender a sua dimensão reivindicativa.

218

219 **Adeus à hora largada, de Agostinho Neto**

220 Minha Mãe

221 (todas as mães negras cujos filhos partiram)

222 tu me ensinaste a esperar

223 como esperaste nas horas difíceis

224

225 Mas a vida

226 matou em mim essa mística esperança

227 Eu já não espero

228 sou aquele por quem se espera

229 Sou eu minha Mãe a esperança somos nós

230 os teus filhos

231 partidos para uma fé que alimenta a vida

232

233 Hoje

234 somos as crianças nuas das sanzalas do mato

235 os garotos sem escola a jogar a bola de trapos

236 nos areais ao meio-dia

237 somos nós mesmos

238 os contratados a queimar vidas nos cafezais

239 os homens negros ignorantes

240 que devem respeitar o homem branco

241 e temer o rico

242 somos os teus filhos

243 dos bairros de pretos

244 além aonde não chega a luz elétrica

245 os homens bêbedos a cair

246 abandonados ao ritmo dum batuque de morte

247 teus filhos

248 com fome

249 com sede

250 com vergonha de te chamarmos Mãe  
251 com medo de atravessar as ruas  
252 com medo dos homens  
253 nós mesmos

254  
255 Amanhã  
256 entoaremos hinos à liberdade  
257 quando comemorarmos  
258 a data da abolição desta escravatura  
259 Nós vamos em busca de luz  
260 os teus filhos Mãe  
261 (todas as mães negras  
262 cujos filhos partiram)  
263 Vão em busca de vida

264

## 265 **UMA LEITURA**

266 Este poema de Agostinho Neto expressa várias perspetivas - o princípio, o adeus, o rapto, a ida para  
267 um lugar desconhecido e a formação de novos mundos. Estas perspetivas concretizam-se a partir do  
268 momento em que um filho deixa a sua terra natal, seu ser, sua cultura, seu conhecimento do mundo,  
269 sua família, e é levado para o contrato.

270 O verso «Minha Mãe», “como segunda pessoa - que serve de interlocutor mudo da narração”  
271 (Melo& Marques, 2014, p. 361), o destinatário, refere-se à mãe enquanto pátria.

272 Considerando este poema como uma introdução, seu desenlace dá-se com o poema «Havemos de  
273 Voltar», espaço em que o sujeito poético expressa a esperança de rever a sua terra independente, na  
274 restituição da situação anterior anunciada no poema «Adeus à hora da largada».

275 A terceira estrofe é a autoidentificação (próprio de um poema confessional). Os vários sujeitos que  
276 clamam perfazem a metáfora da pátria, o todo pelas partes, que são os vários filhos de uma mãe  
277 (pátria), crianças pobres e adultos escravizados «a esperança somos nós/somos as crianças nuas das  
278 sanzalas do mato/somos os teus filhos/nós vamos em busca da luz» estabelecidos em diferentes  
279 espaços«os garotos sem escola a jogar a bola de trapos /nos areais ao meio-dia /somos nós  
280 mesmos/os contratados a queimar vidas nos cafezais».

281 Como se pode notar, «Há como que uma colectivização do sujeito de enunciado e, a partir daqui o  
282 poema deixa ser uma voz pessoal para se tornar um coro uníssono» (Melo&Marques, 2014, p.  
283 363).Trata-se, neste sentido, da voz do povo. Anuncia-se de igual modo a sua situação de  
284 precariedade, de pobreza e de estratificação entre os moradores dos bairros asfaltados e dos  
285 musseques «somos os teus filhos/dos bairros de pretos/ além aonde não chega a luz elétrica/ teus

286 filhos/com fome/com sede». Estes versos dão a noção de quem conhecia bem a realidade e por isso  
287 a descrevia com um engenho incomum. É o caso da referência que faz aos bairros dos pretos, sem  
288 luz elétrica. Tal induz a existência de um signo oposto, aonde existe luz elétrica – os bairros da elite  
289 colonial.

290 Quanto a estratificação social, Pavão (2003, p. 339) diz:

291 Nas cidades, viviam nos musseques, isolados do mundo dos brancos colonizadores,  
292 aglomerados em péssimas habitações, sem nenhuma higiene ou conforto. Já no campo,  
293 viviam explorados pelos brancos, que foram tomando posse das terras que representavam  
294 seu lar e sustento, passando a servir de mão-de-obra que só aumentava a riqueza dos  
295 colonizadores.

296 A última estrofe consola a mãe que fica e vê um filho que parte com a esperança de um possível  
297 reencontro, que, num amanhã, ainda que longínquo, entoar-se-iam hinos à liberdade e comemorar-  
298 se-ia o fim da escravatura. Os hinos à liberdade e o fim da escravatura seriam, neste sentido,  
299 assuntos do passado, ali onde se tinha partido e entoado cânticos tristes, «Fatigados/esgotados de  
300 trabalhos/mas cantam». (Vide poema *Contratados*).

301 O sujeito poético inclui-se no sofrimento, num desespero provocado pelo contexto de uma  
302 separação forçada.

303 No último verso da última estrofe, atente-se para o uso do paradoxo – os filhos que partiram como  
304 escravos «Vão em busca de vida». Lê-se como como paradoxo porque a noção de escravatura se  
305 compactua com castigo e morte. No entanto, entende-se «busca de vida» como sinónimo de  
306 independência.

307 Depoisdestepoema, apresentamos, a seguir, outro poema, «O Içar da Bandeira», de Agostinho Neto,  
308 cuja finalidade é a compreensão do despertar da consciênciapatriótica dos nativos.

### 309 ***O Içar da Bandeira, de Agostinho Neto***

310 Quando voltei  
311 as casuarinas tinham desaparecido da cidade

312 E tambémtu  
313 Amigo Liceu  
314 vozconsoladora dos ritmosquentes da farra  
315 nasnoites dos sábadosinfalíveis

316 Tambémtutinhas desaparecido  
317 e contigo  
318 osIntelectuais  
319 a Liga  
320 o Farolim

321 as reuniões das Ingombotas  
322 a consciência dos que traíramsem amor

323 Cheguei no momento do cataclismo matinal  
324 em que oembriãorompe a terra humedecida pela chuva  
325 erguendo a planta resplandecente de cor e juventude

326 Cheguei para ver a ressurreição da semente  
327 a sinfonia dinâmica do crescimento da alegria  
328 noshomens

329 E o sangue e o sofrimento  
330 eramumacorrentetormentosa que dividia  
331 a cidade

332 Quando eu voltei  
333 o dia estava escolhido  
334 e chegava a hora

335 Até o riso das criançastinha desaparecido  
336 e tambémvós  
337 meus bons amigos meus irmãos  
338 Benge, Joaquim, Gaspar, Ilídio, Manuel  
339 e quemmais?  
340 – centenas, milhares, de vós amigos  
341 alguns desaparecidos para sempre  
342 para sempre vitoriososnasuamorte pela vida

343 Quando eu voltei  
344 qualquercoisagigantesca se moviana terra  
345 oshomensnosceleirosguardavammais  
346 osalunosnasescolasestudavammais  
347 o sol brilhavammais  
348 e haviajuventudecalmanosvelhos  
349 mais do que esperança era certeza  
350 mais do que bondade era amor

351 Osbraços dos homens  
352 a coragem dos soldados  
353 ossuspiros dos poetas  
354 Tudotodostentavamerguerbem alto  
355 Acima das lembranças dos heróis  
356 Ngola Kiluanji  
357 Rainha Ginga  
358 Todos tentavamerguerbem alto  
359 a bandeira da independência

360 **UMA LEITURA**

361 O poema *Içar da Bandeira* é a metáfora da independência. Mas uma independência que se almeja.  
362 Assim, embora as formas verbais se apresentam no passado «Quando eu voltei» anuncia um  
363 momento porvindoiro. É a realização da “revelação apocalíptica” anunciada nos versos «sou aquele  
364 por quem se espera/entoaremos hinos à liberdade/quando comemorarmos/a data da abolição desta  
365 escravatura, todos do poema «Adeus à hora da largada». É a concretização de um projeto. As  
366 sementes brotaram rebentos novos numa terra já fertilizada. Trata-se de um porvir. Entretanto, o  
367 valor deste poema prevalece no sentido de ser uma mensagem de esperança e de apelo à revolução.  
368 Porque o anunciado é ainda um sonho. É uma mensagem ideológica, de força. Sendo um apelo à  
369 revolução, explicita as razões da luta, como numa imagem, é o retrato de um dia.

370 Lê-se na última estrofe, a invocação dos reis Ngola Kiluanji e Rainha Nzinga, o que se entende  
371 como invocação à ancestralidade. Entende-se, ainda, e como já afirmámos, que o processo da luta  
372 pela independência é anterior a Agostinho Neto.

373 A referência aos nomes dos amigos e irmãos como Liceu, Bengé, Joaquim, Gaspar, Ilídio, Manuel,  
374 desaparecidos; a ausência das reuniões nas Ingombotas, são a imagem da terra que continuava sob o  
375 domínio colonial e que, por consequência, levava a perda da identidade. Deste modo, apelam a  
376 tomada da consciência para a revolta.

377 Há, ainda, o anúncio do que viria a ser o pós-independência, quando os filhos da terra tomariam  
378 dianteira do seu projeto de país. Tal se vê na nona estrofe – haveria fartura de alimentos, redução do  
379 analfabetismo, o sol brilharia mais. O brilhar do sol é tomado aqui como o signo de prosperidade,  
380 do renascer. É, na verdade, o predizer de uma paz efetiva.

381 Finalmente, chega-se a ideia de que a mensagem do poema é uma ação por se realizar pelo simples  
382 fundamento espaciotemporal da sua produção, Cadeia do Aljube, Lisboa, 1960. E, tal se tornou uma  
383 “utopia realista” no dia 11/11/1975.

384 Damos a ler, por fim, o poema «*Criar*», de Agostinho Neto, espaço em que se exprime a esperança,  
385 a necessidade de mudança.

386 ***Criar, de Agostinho Neto***

387  
388 Criar  
389 Criar criar  
390 criar no espírito criar no músculo criar no nervo  
391 criar no homem criar na massa  
392 criar  
393 criar com os olhos secos  
394 Criar criar  
395 sobre a profanação da floresta  
396 sobre a fortaleza impúdica do chicote  
397 criar sobre o perfume dos troncos serrados

398 criar  
399 criar com os olhos secos  
400 Criar criar  
401 gargalhadas sobre o escárneo da palmatória  
402 coragem na ponta da bota do roceiro  
403 força no esfrangalhado das portas violentadas  
404 firmeza no vermelho sangue da insegurança  
405 criar  
406 criar com os olhos secos  
407 Criar criar  
408 estrelas sobre o camartelo guerreiro  
409 paz sobre o choro das crianças  
410 paz sobre o suor sobre a lágrima do contrato  
411 paz sobre o ódio  
412 criar  
413 criar paz com os olhos secos  
414 Criar criar  
415 criar liberdade nas estradas escravas  
416 algemas de amor nos caminhos paganizados do amor  
417 sons festivos sobre o balanceio dos corpos em forcas  
418 simuladas  
419 criar  
420 criar amor com os olhos secos  
421  
422

## 423 **UMA LEITURA**

424  
425 Além da noção do sofrimento que os poemas de Agostinho Neto explicitam, felizmente, não se  
426 olvida da esperança do fim da escravatura, daí os poemas *Criar*; Havemos de voltar, onde se  
427 exprime a esperança, a necessidade de reverter a situação, pelo trabalho. Há a nostalgia  
428 expressa pelo uso de instrumentos musicais do património cultural africano como a marimba e o  
429 kisanje como que se entende como metáfora da terra. Relembra e evoca a necessidade  
430 do restabelecimento da ordem perdida, mas alcançável por meio de luta, pelo envolvimento de  
431 todos os filhos da terra.

432 Aqui, traz-se a mensagem de esperança, a necessidade da construção de uma nova terra, sob novas  
433 condições, com menos sofrimento, criar na paz, sem lágrimas de sofrimento, «criar paz com os  
434 olhos secos», que é o símbolo de coragem.

435 Agostinho Neto sempre teve em conta os diferentes estratos sociais. Porque se tratava de um  
436 sofrimento comum. Assim, todos encontram o seu espaço retratado na sua poesia. Por exemplo,  
437 sabendo o estado de pobreza em que as crianças estavam inseridas, apela que depois da luta  
438 houvesse «paz sobre o choro das crianças». Aqui, as crianças são a representação do povo  
439 subalternizado e choro tomado como pobreza. Assim, a necessidade de criar visava evitar o choro  
440 pela ausência de recursos, de fome, de nudez, de sede, em suma, de um sofrimento provocado pelas  
441 más políticas coloniais.

442 Outros estratos sociais que a poesia de Agostinho integra, além da infância, são a mulher e os  
443 velhos. Como diz Mendonça (2014, p. 242) “A poesia de Agostinho Neto clama por justiça para a  
444 mulher angolana, um ser que no poema «Quitandeira» se lamenta desta forma: «tudo tenho dado//  
445 Até mesmo a minha dor/ e a poesia dos meus seios nus/ entreguei-a aos poetas»”.

446 Quanto a velhicediz o seguinte: “[...] No poema «Velho Negro», este aparece-nos «Reduzido a  
447 farrapos [...] // Velho farrapo / negro / perdido no tempo e dividido no espaço ...» «A velhice vem  
448 cedo // Uma esteira nas noites escuras / basta para ele morrer”. (Mendonça, 2014, p. 242).

449 Sendo todo o povo vítima do sistema colonial, o poema vem anunciar o fim da escravatura. É a  
450 projecção de um país pós-colonial, que dá a noção de que após a luta, haveria necessidade de se  
451 trabalhar, produzir e garantir melhores condições de vida para todos.

452 Para Martinho (2014, p. 143), o poema «Criar» é “[...] usado com valor imperativo, [...]. O acto de  
453 «criar» para que insistentemente o sujeito apela, e com uma urgência que não admite demoras ou  
454 hesitações, cresce em oposição a forças de destruição, de «profanação», de violência, de «ódio»”.

455

## 456 **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

457

458 Finalmente, sob o signo negritude, a poesia de Agostinho Neto exprime a defesa do humanismo  
459 negro, trazendo o seu reconhecimento como “ser” em pé de igualdade de qualquer homem. É uma  
460 poesia de incentivo à luta pela liberdade, de criação de nova nação, de esperança e de amor à pátria.

461 Exalta o ser negro, as suas terras, o seu património cultural material e imaterial.

462 É uma poesia que visava o alçar de uma cultura, da afirmação da identidade do homem negro, pela  
463 luta e pelo trabalho.

464

## 465 **REFERÊNCIAS**

466 CARTER, J. Elizabet. «O patriota como poeta: Agostinho Neto e a sua arte». In Pires Laranjeira e  
467 Ana T. Rocha (Org.). in *A noção do ser. Textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*,  
468 Luanda, Fundação Dr. António Agostinho Neto, pp. 359 – 358, 2014.

469 FANON, Frantz. «Racismo e Cultura».In Ferreira francisco Pontes de Miranda e Santos Leonardo  
470 Soares (Org.),*Revista convergência crítica*, n.º 13. ISSN 2238-9288, 78-90, 2018.

471 LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, Lisboa, Universidade  
472 Aberta, 1995.

- 473 LIMA, Priscila Henriques, «Literatura de guerrilha: a ideologia do MPLA na obra As Aventuras de  
474 Ngunga e a proposta de construção de uma nação angolana». In XXVII Simpósio Nacional de  
475 História, 22 – 26 de Julho de 2013.
- 476 LOURENÇO, Manuel. «O desenvolvimento da consciência em Sagrada Esperança». In A noção do  
477 ser. Textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto, Luanda, Fundação Dr. António Agostinho  
478 Neto, pp. 257 – 270, 2014.
- 479 MARTINHO, F. B. «Agostinho Neto, poeta. A poesia do fundador da República Popular de Angola  
480 foi a voz da sagrada esperança do seu povo». In *A noção do ser. Textos escolhidos sobre a poesia  
481 de Agostinho Neto*, Luanda, Fundação Dr. António Agostinho Neto, pp. 139 – 153, 2014.
- 482 MELO, M. Virgínia & MARQUES, M. Teresa. «Agostinho neto: perfil de um poeta lutador». In *A  
483 noção do ser. Textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Luanda, Fundação Dr. António  
484 Agostinho Neto, pp. 359 – 402, 2014.
- 485 MENDONÇA J. Luís. «Sagrada Esperança de Agostinho Neto. Do desfile de sombras para  
486 amanhecer da justiça social, uma poética do desenvolvimento africano». In *A noção do ser. Textos  
487 escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*, Luanda, Fundação Dr. António Agostinho Neto, pp.  
488 239 – 248, 2014.
- 489 PAVÃO, Suzana Rodrigues. «O desenvolvimento da consciência nacional em Sagrada Esperança».  
490 In *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, pp. 337-347, 1º sem., 2003.
- 491 RODRIGUES, C. I. Silva. *A renúncia impossível de Agostinho Neto - um novo discurso poético,  
492 intertextualidades e alcance pedagógico*. Dissertação de Mestrado em Literatura de Língua  
493 Portuguesa. Universidade de Coimbra, 2013.
- 494
- 495 Sítios:
- 496 CRAVEIRINHA, José, Manifesto. [Em linha]: [https://sites.google.com/site/ciberlusofonia/Lit-  
497 Afric-de-Ling-Port/Lit-Mocambicana/Craveirinha#h.yvma6v60e4hy](https://sites.google.com/site/ciberlusofonia/Lit-Afric-de-Ling-Port/Lit-Mocambicana/Craveirinha#h.yvma6v60e4hy) . Acesso, 26/05/2022.
- 498 NETO, Agostinho, A Deus a hora da largada. [Em linha]: [https://agostinhoneto.org/poesias/adeus-a-  
499 hora-da-largada/](https://agostinhoneto.org/poesias/adeus-a-hora-da-largada/). Acesso, 31/05/2022.
- 500 NETO, Agostinho, *O Içar da bandeira*. [Em linha]: [https://agostinhoneto.org/poesias/o-icar-da-  
501 bandeira/](https://agostinhoneto.org/poesias/o-icar-da-bandeira/). Acesso, 31/05/2022.

502 NETO, Agostinho, *Criar*. [Em linha]: <https://agostinhoneto.org/poesias/criar/>. Acesso, 31/05/2022.

503

504

505

UNDER PEER REVIEW IN IJAR